

# MARCIA KUPSTAS

A Maldição  
do Silêncio





A  
Maldição  
do  
Silêncio

## A maldição do silêncio

© Marcia Kupstas, 2015

**Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica** Mário Ghio Júnior

**Diretoria editorial** Lidiane Vivaldini Olo

**Gerência editorial** Paulo Nascimento Verano

**Edição** Fabiane Zorn

### Arte

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.) e Thatiana Kalas (assist.)

**Projeto gráfico** Elisa von Randow

**Lettering** Samuel Casal

### Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.), Célia Carvalho,  
e Brenda Moraes (estag.)

### Iconografia

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**Crédito das imagens** p. 112 e 113: acervo pessoal; demais fotos: Renato Parada

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K98m

Kupstas, Marcia, 1957-

A maldição do silêncio / Marcia Kupstas ; ilustração Samuel Casal. -

1. ed. - São Paulo : Ática, 2015.

120 p.: il. (Marcia Kupstas)

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-08-17209-2

1. Mistério - Ficção infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil  
brasileira. I. Casal, Samuel. II. Título. III. Série.

15-22139.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 738780

CAE 545821

2017

1ª edição

4ª impressão

Impressão e acabamento:



**editora ática**

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2015

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

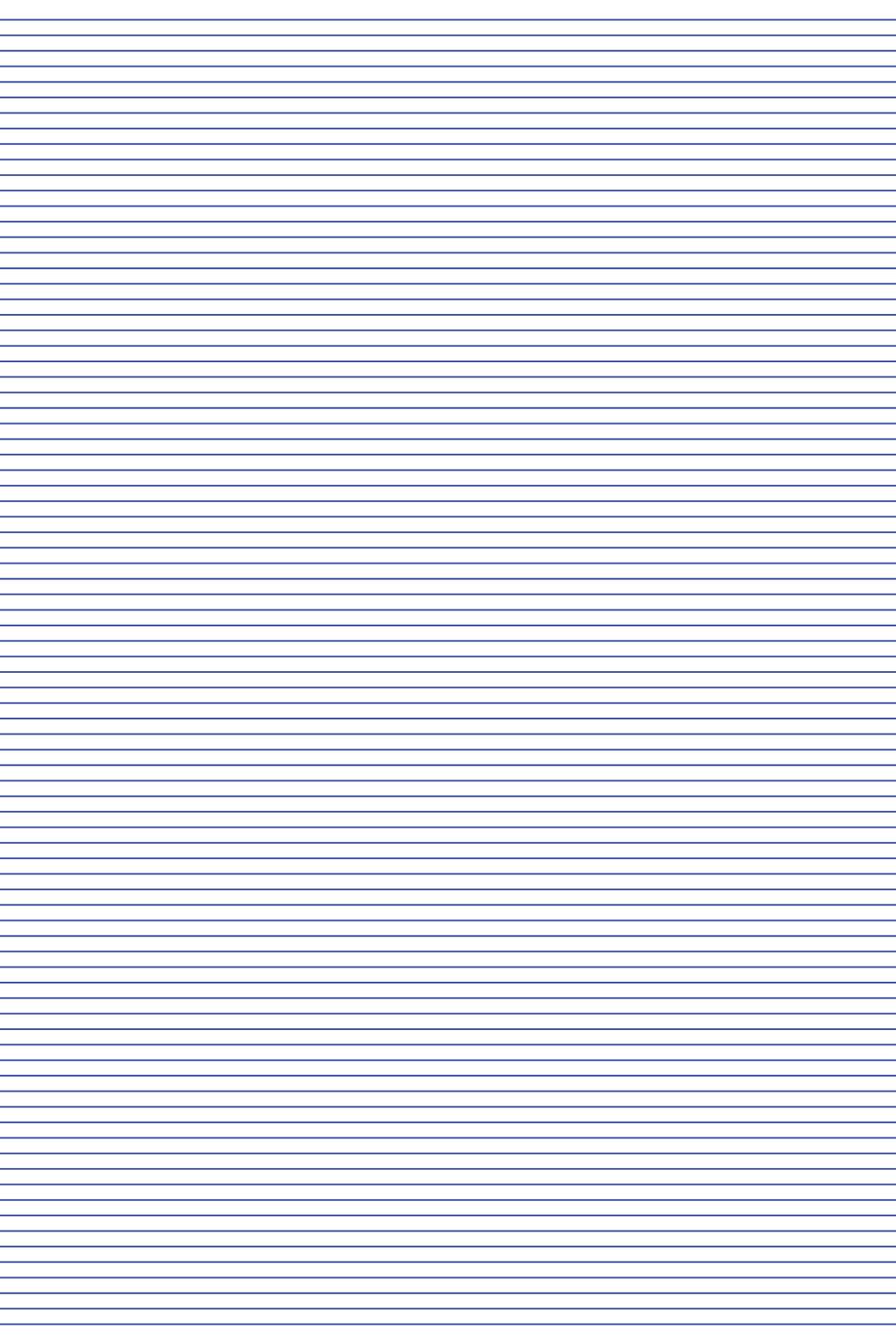


# MARCIA KUPSTAS

## A Maldição do Silêncio

Ilustrações de Samuel Casal

**ea**  
editora ática



SE EU TIVESSE de usar um adjetivo para *A maldição do silêncio*, diria que é um livro ambíguo, em que nada é o que parece ser.

Uma sinopse simplória aponta para um comovente romance juvenil: numa visita de caridade, Ricardo acompanha a avó até a casa de uma família marcada pela tragédia e pela pobreza. Lá, ele fica amigo de João, um menino com uma grave doença. Mas João não é um moribundo patético. Ele revela ter poderes paranormais e manipula a todos: a mãe, as visitas piedosas, o médico, o irmão deficiente... Conseguiria João manipular até a morte?

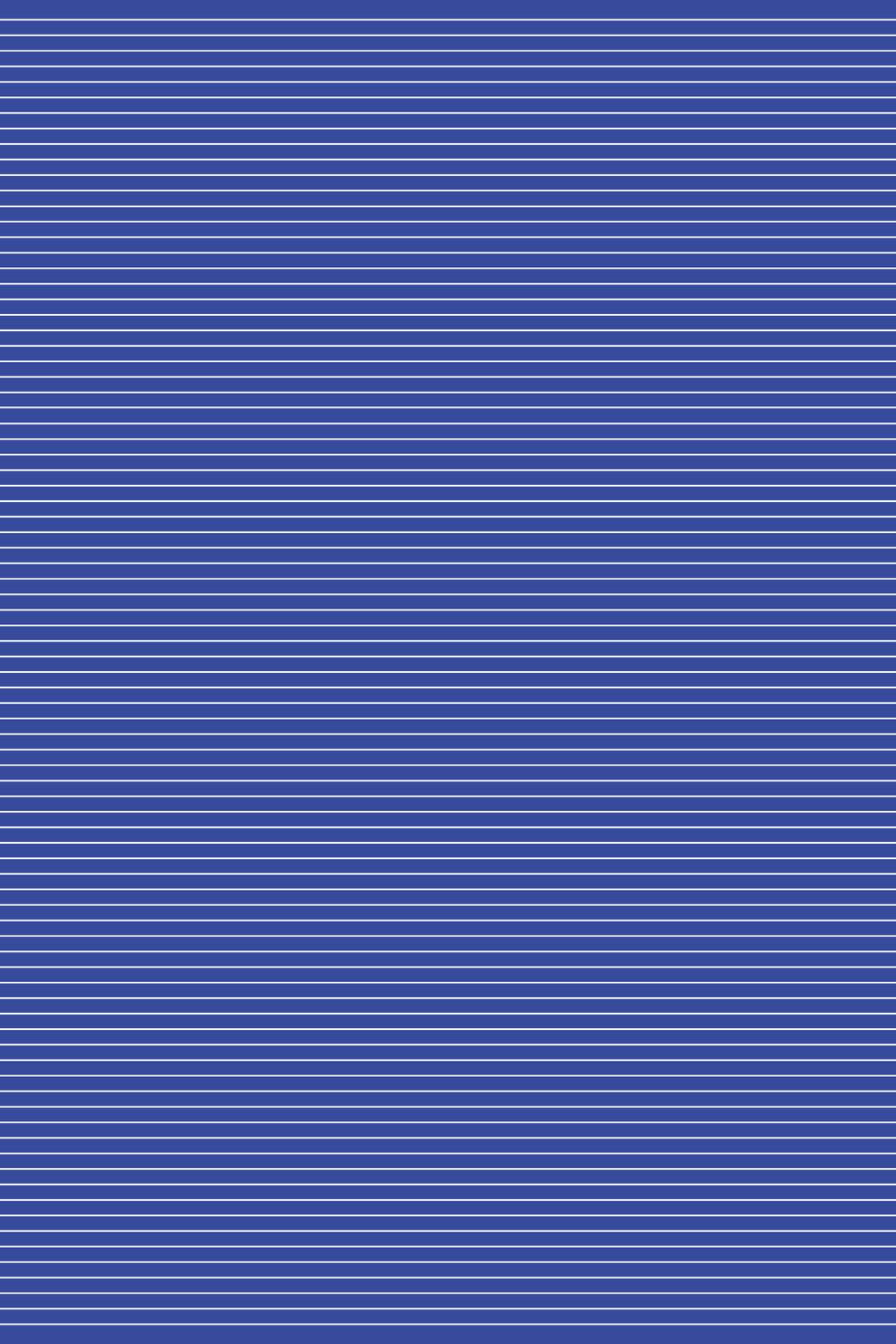
Este, que é o meu segundo livro, apresenta um clima bem mais denso do que outros de minha carreira. A estreia, em 1986, com *Crescer é perigoso*, teve imenso sucesso. Quis evitar a pecha de “escritora de um enredo só” e, na sequência, procurei uma história bem diferente. A expressão “maldição do silêncio” surgiu de um importante conto de Edgar Allan Poe, o “pai” dos contos de terror e a quem muito admiro. Talvez o meu *A maldição do silêncio* tenha mais Poe do que Marcia Kupstas.

Confesso que me orgulho de ter escrito *A maldição do silêncio*. E nesses 30 anos desde seu lançamento reuni uma série de comentários de leitores assustados (e assombrados!) por seu enredo bizarro.

Um abraço,

**Marcia Kupstas**

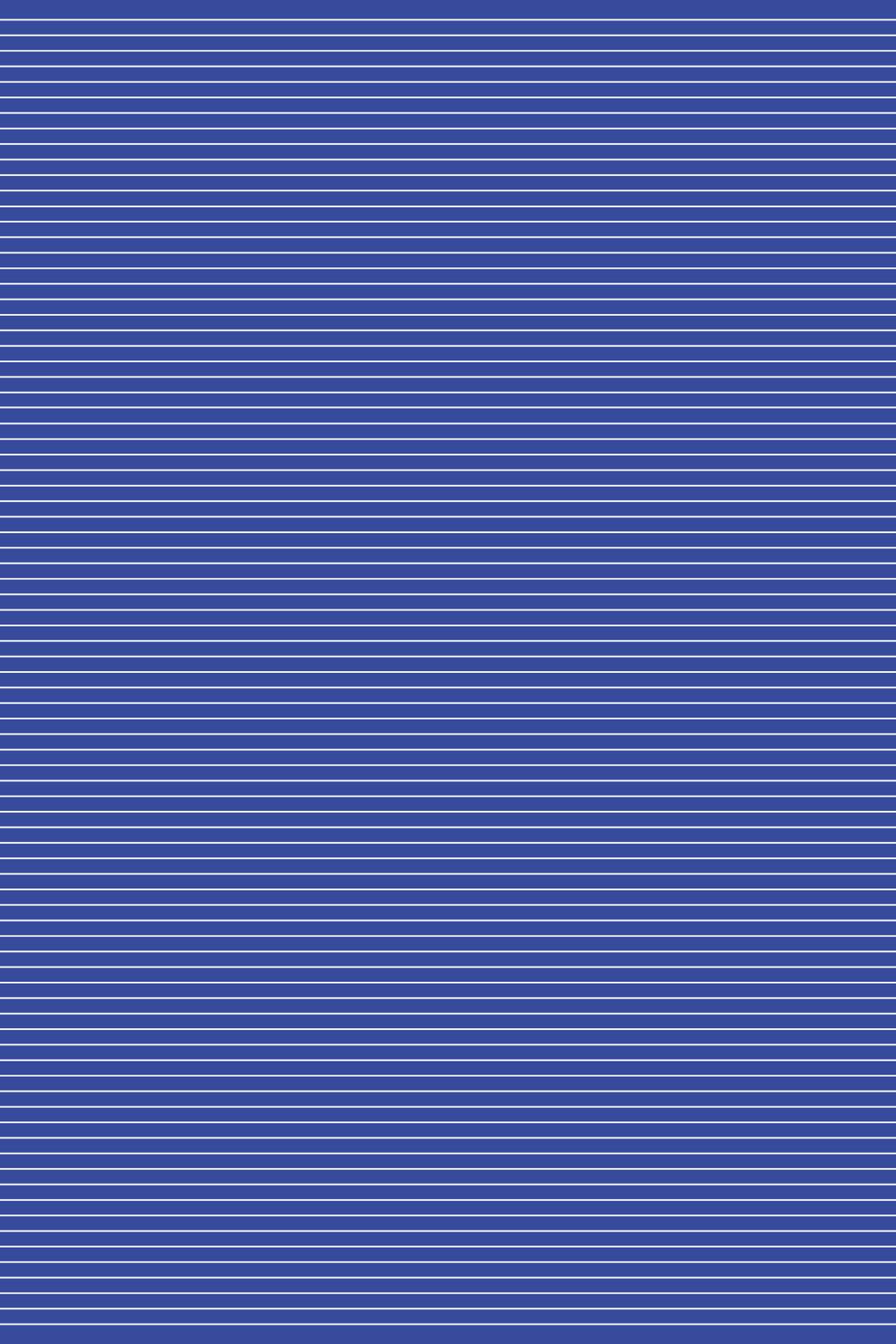




## SUMÁRIO

---

1. Conhecer João	11
2. Rever João	63
3. Esquecer João	90
4. Renascer João	100
Os sonhos de Marcia Kupstas	111



**Com carinho especial para o amigo e médico Milton Seiji Fukujima e aos amigos que também “deram uma força”, Maria Tereza Rangel Arruda Campos e Plínio Hungaro.**



# 1. Conhecer João

PEDRA ALTA. Durante todos os anos, engraçado que eu sempre esperei ouvir o nome de Pedra Alta nos noticiários de tevê, manchetes de jornais. A cidadezinha de meus avós seria descoberta, viriam a público todos os acontecimentos de tanto tempo atrás. Mas isso não aconteceu. Mais estranho ainda é imaginar que eu possa ser a única testemunha. Ninguém mais sabe, ninguém — ou não desconfiaram de nada. Ou acharam tão impossível, tão louca a possibilidade, que ela já virou um daqueles mistérios que fazem a tradição dos “causos” contados de noite, quando o vento e o frio dão fôlego pra imaginação.

Mas eu não imaginei nada. Não estou mentindo. Naquela época, eu era um garoto. E talvez por isso os acontecimentos tenham ficado tão fortes na minha memória. Consigo me lembrar dos detalhes, consigo descrever João exatamente do jeito que o vi pela primeira vez, naquela tarde em que minha avó me levou junto numa visita piedosa à dona Frederica, a mãe dele.

— Você está com medo de mim — João, debaixo do cobertor com aquele calor todo, me dava medo mesmo. Só que eu não disse.

— Que nada.

— Verdade. Tá aqui a minha mão. Se você tem coragem, me cumprimenta.

Ouvi a voz de vovó, que conversava na cozinha com dona Rica, no andar de baixo. Apenas eu e João no quarto. Ele estendeu a mão e esperou. Eu mordi o lábio, lembrava das palavras de vovó: “Fica lá, conversa com ele”. E enfatizou: “Não come nada, não põe a mão em nada!”. Mas e a minha coragem? Ele era magrela, com um tapa eu derrubava. Derrubava gente maior que ele. A mão meio amarela e estendida. Mas os olhos... estavam brilhantes; os olhos dele riam de mim. Só depois, bem depois, poderia entender o que era aquilo na vida: cínico. Olhos cínicos.

Engraçado chamar João de cínico. Um cara de 13 anos, doente, lá pode ser cínico? O pior é que era. Naquele momento, era. E a mão magrinha dele, estendida para mim, como prova disso. Ficamos assim tanto tempo! Eu não era covarde.

Estendi a minha. E a gente se cumprimentou direito, os dedos todos entrelaçados, grudados. Apertando.

— Prazer. Eu sou o João.

— Ricardo Almeida Mascarenhas.

— Pra que o nome todo?

Pergunta besta. Em Pedra Alta eu sempre falava o nome todo. Isso agradava minha avó. Estranhei.

— Porque é o meu nome — respondi.

— Pra mim, você é só Ricardinho mesmo. Nome do teu avô? Besteira.

— Meu avô não é besteira.

— O nome dele sim. Eu vou morrer mesmo, e nome não vale nada depois que a gente morre.

— Não fala assim.

— Tua avó não disse? Todo mundo sabe. É verdade. Eu já sei faz tempo. Garanto que é isso que a mãe e a tua avó estão falando, lá embaixo. E a mãe chora, e a tua avó puxa duas ou três notas e dá pra ela. E fica nesse lero-lero de “Deus que sabe”, “o destino”... bobagem assim.